

# PRETEXTOS DO CORAÇÃO

*A Beleza Está Nos Olhos de Quem Lê*



---

Suzana Nunes

---

## TABLE OF CONTENTS

1. Subornando Criança.....	3
2. A Lembrança de Maior Valor .....	5
3. O Menino e a Saudade .....	8
4. Pequena Gigante.....	12
5. Adeus a Um Vira Latas.....	15
6. Mentiras no Deserto .....	18
7. Adulto é Que Complica as Coisas .....	21
8. Tesouros .....	23
9. Ele Quer Ser Criança.....	27
10. Detesto a Barbie .....	30
11. Espelho Velho .....	33
12. Quanto Vale a Sua Inocência? .....	36
13. Aquele Amigo... ..	38
14. Pensando pra Ninguém .....	40
15. Maternidade de Verdade .....	44
16. Indisciplina x Afetividade .....	46
17. Todos Iguais, Todos Diferentes .....	52
18. Colinho de Mamãe.....	56
19. Pedagogia .....	59
20. Ainda Somos os Mesmos .....	60
21. Precisa-se de Reforço .....	63
22. Enquanto Vale à Pena.....	64
23. Solidão .....	65
24. O Cordeiro do Sacrifício .....	66
25. Tesouros Guardados .....	70
26. Rua de Mão Dupla.....	73
27. Profissão de Fé .....	77
28. Só Palavras .....	79
29. Muralhas Pedagógicas .....	81
30. Comunista Não Come Criancinha .....	84
31. Aquela Mulher .....	88

# 1. Subornando Criança

*Sentada lá, vendo todas as crianças pulando as ondinhas, olhava para o meu dedão enfaixado e pensava no bico.*

**C**hupei bico até os cinco anos. E pior que não era um só: eram três, um amarrado no outro com uma cordinha que já estava até encardida – tinha trocado de cor. Um eu chupava, o outro eu apertava e o terceiro eu cheirava, um cheirinho azedo.

Depois de toda a insistência pra que eu abandonasse o hábito que viria a me prejudicar os dentes, minha mãe desistiu e minha tia resolveu me subornar. Aliás, coisa muito comum, que fazemos sempre com as crianças, coisa feia!

Enfim, prometeu me levar junto na viagem de férias, ela e o marido, recém-casados. Minas Gerais, Petrópolis e no final Angra dos Reis, para eu conhecer o mar, tudo isso se eu jogasse fora meu bico. Topei na hora, mandei longe. Viva o suborno!

O passeio em Minas foi inesquecível, nadei na cachoeira, subi morro, comi todas aquelas comidas gostosas, perfeito. Lá em Petrópolis, depois de ir ao banheiro com a porta trancada – como uma boa mocinha deve fazer – percebi que não alcançava a cordinha da descarga e subi no vaso sanitário para puxar, toda independente.

Resultado: o vaso estava solto, caímos eu, vaso, quebrou-se tudo e três pontos no dedão do pé, fora a

porta arrombada, claro, pois estava trancada. Nem comento a gozação que tive que aguentar o resto da viagem, se duvidar até hoje ainda riem de mim. Criança sofre!

Triste da vida, morrendo de vergonha, sentindo uma dor dos infernos, lá fui eu acabrunhada pra Angra, chateada por não poder entrar na água, na minha primeira vez na praia, poxa vida... Ai que saudade dos meus três bicos...

Sentada lá, vendo todas as crianças pulando as ondinhas, olhava para o meu dedão enfaixado e pensava no bico. Que raiva... Isso que dá querer mostrar que é grande.

De repente, olho para os tios, distraídos, nem me olhavam. Olho para o mar, me chamando, para o dedão... e lá vou eu!

Quando eles viram, já era tarde, dedão latejando, esparadrapo flutuando, e eu lá, feliz por ter aproveitado meu suborno como deveria...

Ah, todo mundo sabe que água do mar cura tudo mesmo...



## 2. A Lembrança de Maior Valor

*As crianças não são adultos em miniatura.*

**N**unca gostei do Dia dos Pais. Desde que me entendo por gente, tenho que dar a mesma explicação às pessoas: “Meu pai morreu quando eu tinha três anos. Quase não me lembro dele.”

Minha vontade era fazer uma pilha de panfletos e distribuir de uma vez, pra não precisar repetir.

Na escola, quando chegava agosto, as professoras logo se assanhavam e começavam a inventar musiquetas, teatrinhos, cartões, tudo para as crianças homenagearem os papais.

E eu ficava com vontade de sair correndo, me esconder em casa, mas era forçada a participar. Eu mesma me forçava, para não dar o braço a torcer.

Sorte a minha que para os pais nunca fazem tanta festa quanto para as mães, e por isso na maioria das vezes era só um cartão, mesmo.

Eu os entregava para um tio, que muitas vezes cuidou de mim enquanto minha mãe trabalhava. Mas o nó na garganta doía.

Poucas lembranças restaram-me do meu pai. Uma delas era a dele me pegando no colo, outra dele no

esquife, que para mim era uma “caixinha”, e a outra dele me contando histórias - esta a mais forte de todas.

Na verdade, não me lembro mais das duas primeiras, só sei por que escrevi em meu diário. Mas lembro-me ainda dele sentado à beira da cama, que ficava colada em um guarda-roupa, lendo um livro para mim. Grudado no guarda-roupa havia uns desenhos feitos pelo meu irmão mais velho, entre eles um do Zé Carioca, todo verdinho.

Quando falo do meu pai, a primeira imagem que me vem à mente é a do Zé Carioca. Era pra onde eu olhava enquanto ele lia...

Apesar de darmos nossa vida nos sacrificando pelos filhos, e gastarmos longas horas trabalhando para prover suas necessidades, apesar de perdermos o sono quando ficam doentes, e nos preocuparmos com tudo que se relaciona a seu bem-estar, enquanto eles constroem seu “banco de memória emocional”, o que ficará mais forte será justamente aqueles momentos em que nós paramos de trabalhar e passamos nosso tempo a seu lado fazendo coisas simples.

Dos três anos que meu pai esteve comigo, a única imagem que sobrou foi a de um quarto, à meia-luz, onde ele resolveu doar-me dez minutos do seu tempo e ser exclusivamente meu. É um papagaio de carona.

Quando nossos filhos tiverem suas próprias crianças, passarão a valorizar melhor os esforços que hoje fazemos por eles. Mas quando fecharem os olhos, a imagem que virá provavelmente será uma daquelas a que não damos muito valor, e para a qual quase nunca temos tempo.

Baseada em minha experiência pessoal, fico imaginando que imagens meus filhos guardarão. Uma brincadeira de esconde-esconde, uma pipoca, uma figura que colorimos juntos - uma destas, certamente ficará.

E espero que justamente nesta eu não esteja com pressa de acabar logo para lavar a louça. Pois ela se transformará num tesouro sem preço para a vida inteira, assim como aquela que guardo de meu pai, para sempre.

As crianças não são adultos em miniatura. Elas têm um jeito todo particular de processar os sentimentos, de aprender, de perceber o mundo.

Precisam de presença, de contato, de cores, de cheiros, para crescer e se tornar maduras emocionalmente - muito mais do que segurança material e pais ausentes como preço.

E sorte de quem consegue perceber isso antes que cresçam.



### 3. O Menino e a Saudade

*A correria da vida é que se traduz na maior distância entre as pessoas.*

**E**le era meu amigo mais chegado, nos tempos de molecagem. Tínhamos alguns anos de diferença, mas ainda assim éramos companheiros de segredos e traquinagens.

Subíamos em árvores, corríamos pela rua despreocupados, bons tempos...

Uma vez, descobrimos um cano d'água que vinha da rua de cima, quebrado... E descobrimos também que quando jogávamos uma pedrinha lá dentro, que barulho engraçado fazia! Daí a jogar trezentas foi um pulo.

Logo esquecemos a brincadeira, e no outro dia ouvimos, sem entender, aquela zoeira de tratores chegando, de homens cavando, britadeiras...

Nunca contamos nosso segredo a ninguém, só depois de adultos... Mas na verdade, sentíamos uma pontinha de orgulho em sermos nós dois, os entupidores da rua...

Meu primo desenvolveu uma técnica muito aprimorada de roubar peixinhos dourados na loja de agropecuária, e por isso ficou famoso entre a turma.

Ele chegava, como quem não queria nada, parecendo uma daquelas crianças que ficam hipnotizadas pelos bichinhos...

Que nada!!! Era ele a hipnotizar... Enfiava a mãozinha branca com uma velocidade impressionante e saía em disparada, com o peixinho apertado entre os dedos, o qual chegava, muitas vezes, mortinho da silva em casa, pela pressão exercida sem maldade, no susto da corrida.

Mas alguns se salvaram. Eram como troféus. Até que um dia minha tia descobriu, com a contribuição do dono da agropecuária. Acabou-se a coleção e a festa.

Noutra vez, bolamos um plano infalível: resolvemos cavar um buraco na parede que ia do quarto do meu tio até o banheiro, entre um velho armário da minha avó e algumas vassouras. Trabalhamos por semanas, medindo e calculando tudo meticulosamente.

Éramos pequenos, a empreitada era arriscada e desafiadora. Quando finalmente conseguimos, passamos a fazer os testes. Ele foi para o banheiro olhar, conferir se calculáramos a direção exata do vaso sanitário.

Eu de olho no buraco, vejo uma coisa estranha aparecer, e um jato quente no meu olho! Urinou, traiu a própria companheira de trabalho! Inesquecível...

Daí pra frente foi um divertimento sem fim. Vimos toda a família pelada, morrendo de rir. Vimos nosso avô bêbado - não, trêbado - fingindo que tomava banho, durante dias.

Nossa avó, tio, tias, primos, "todo mundo como veio ao mundo". Era só alguém ameaçar tomar o rumo do banheiro que lá íamos nós, "ventando", como dizia a "vó".

De vez em quando apareciam inconvenientes anteninhas de barata no nosso observatório secreto, as quais espantávamos com gravetos e assopros. Um dia minha avó descobriu o buraco, e impiedosamente mandou tapar com massa. Assistimos com tristeza. Uma pena...

Chupamos muita manga verde com sal, escondidos na escada atrás de casa, pra não apanhar. Rimos, choramos, enterramos juntos meu porquinho-da-índia, morto por um cachorro da rua, e depois, não demos paz ao cachorro.

Hoje, meu primo e eu quase não nos vemos mais, é coisa rara. Ele tem muitos compromissos com a igreja, e eu com meus filhos, a vida vai passando.

Não que moremos longe, é ali mesmo, a quinze minutos daqui. No entanto, a correria da vida é que se traduz na maior distância entre as pessoas.

Mas a amizade ingênua e descompromissada dos tempos da infância permaneceu no coração. Em sua homenagem, registrei meu filho mais novo com seu nome, sob protestos de "coitado do menino!"

Ainda não encontrei uma amizade mais sincera do que a que tivemos, mais profunda, mais satisfatória. No entanto, cansei de procurar o amigo ideal. Ele já existe, cresceu, tomou corpo, e saiu pela vida, ficando sem tempo pra nós. Só que eu ainda sinto falta...

Hoje é seu aniversário, vinte e cinco anos, e eu não apareci na sua casa, não mandei e-mail, porque não sei o seu e-mail...

Mas o coração apertou, a saudade doeu e as lembranças trouxeram mais uma vez a presença de uma amizade que nunca morre.



## 4. Pequena Gigante

*Ela nos ensinou a levantar a cabeça, a não ter medo de olhar nos olhos, nem de falar de igual para igual com qualquer pessoa, e de reconhecer a necessidade de sempre aprender mais.*

**P** é ante pé eu me levantava da cama e ia devagarinho, descobrir de onde vinha aquele barulhinho estranho de folhas de árvore caindo.

Quando abria a porta, podia ver, à meia-luz da cozinha, uma figura magra e pequena debruçada sobre a mesa, passando páginas...

Lá estava ela, mergulhada nos livros, os mesmos livros repetidos que tantas vezes leu. Livros usados que comprava no sebo ou que emprestava de alguém.

Edições antigas que ela guardava como se fossem tesouros, e livros de família que pareciam mágicos pra mim.

Durante toda a infância eu me deparei com esta cena: minha mãe sentada, lendo e escrevendo, na sua pouca instrução, no seu infinito discernimento de mulher moldada pelas dificuldades da vida. E esta influência perene desperta grande gratidão em meu coração.

Ela era a sabedoria em pessoa. Seus lábios calavam o que os olhos insistiam em me dizer, e ainda hoje eu tento desvendar o que aquele olhar escondia.

O contato com a leitura e a escrita foi decisivo para nosso futuro, meu e de meus dois irmãos mais velhos. Nós nos libertamos de todo o estigma que as crianças da periferia carregam, fadadas a ser menos, simplesmente porque um sistema assim determinou.

Nossa mãe rompeu esta barreira para nós, e nos ensinou a levantar a cabeça, a não ter medo de olhar nos olhos, nem de falar de igual para igual com qualquer pessoa, e de reconhecer a necessidade de sempre aprender mais.

Hoje tento seguir seu exemplo, e exercer sobre meus filhos a mesma influência inspiradora da qual tive o privilégio de desfrutar.

Nesta tentativa de me igualar a ela é que descubro minha fraqueza. Ela que, com seus quatro anos de estudo regular, pôde transformar nossa vida para sempre com seu gosto pela leitura, sua capacidade de raciocínio, seu domínio impressionante da lógica e da coerência textual quase instintivas, me presenteava muito mais com livros do que com brinquedos.

Eu com minha cara feia, que esperava mais uma boneca... Jamais poderia medir o tamanho daquele gigante que chamávamos de mãe.

Ela se foi e deixou um legado do qual temo não dar conta: passar para meus filhos os valores e as prioridades que a mim foram deixados.

E o que me faz vacilar é reconhecer que o efeito do meu exemplo terá neles a mesma força que o dela sobre mim.

Pequena em sua estatura, gigante em sua sapiência, passou pela minha existência sempre despertando em

mim algo de grande, maior que eu mesma, porque ela assim me enxergava, posto que me amava.

E se eu, em minha fraqueza, conseguir alcançar metade de tudo o que ela ensinou, tudo o que fez e tudo o que amou, terei cumprido com honra minha missão de mãe.

